

Entre a carreira e a família, elas escolhem as duas

Mulheres que resolveram empreender para voltar ao mercado de trabalho após se tornarem mães investem em consultorias e start-ups que ajudam outras empresas a transformar a visão da maternidade no mundo corporativo

ELISA MARTINS
elisa.martins@oglobo.com.br
SÃO PAULO

Por muito tempo, boa parte das mulheres seguiu o mesmo *script*: investem e avançam na profissão, aí vêm os filhos —outro projeto que abraçam com afinco — e a carreira para. Ou o mercado se fecha. E percebem que falta empatia em relação a elas, profissionais que viram mães. No entanto, recentemente esse tipo de roteiro começa a ganhar novos desfechos com o protagonismo de mulheres que, depois da transformação da maternidade, resolveram transformar o mundo corporativo. Com elas, florescem consultorias e aceleradoras de start-ups nas quais atuam mães que, entre carreira e família, escolhem as duas.

A maioria desses negócios surgiu nos últimos seis anos ou menos e se expande com o apelo crescente de um mercado mais inclusivo e com equidade de gênero. Com a pandemia, houve um salto. Quando, para quem teve essa opção, o trabalho foi para casa, crianças reviraram a rotina, apareceram nas videoconferências e a maternidade saiu do armário.

— A pandemia escancarou as dores e os desafios que transpareciam só nas olheiras das mães, e não deu para disfarçar mais. Os homens também viveram isso com as crianças em casa. O desempenho de equipes foi afeta-

do. Por outro lado, motivou as pessoas a falarem muito mais do tema — diz Daniela Scalco, CEO e fundadora da consultoria ParentsIn.

Daniela entrou duas vezes para as estatísticas mais comuns sobre mulheres e trabalho. Saiu do mercado depois de ter filhos — o que acontece após 24 meses com quase metade das mulheres que tiram licença-maternidade, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ao retornar, decidiu empreender — 75% das empreendedoras decidiram ter negócio próprio depois de virarem mães, mostra levantamento do Instituto Rede Mulher Empreendedora.

NEGÓCIO É A SAÍDA

A ParentsIn é o “terceiro filho” de Daniela, mãe de dois meninos, de 8 e 6 anos. A consultoria nasceu em 2019 justamente com a meta de trazer mil mulheres de volta ao mercado em três anos. A consultoria faz a ponte entre empresas e profissionais que buscam viver carreira e filhos juntos. A demanda, diz, tem crescido dos dois lados. E as contratadas viram porta-vozes da causa na nova posição.

— Uma coisa que me chamava a atenção era que muitas mães que começam a empreender faziam isso não porque queriam, mas porque não conseguiam retornar ao mercado. Não era possível que não existisse um caminho de volta —



Potencial. Michelle Terni, da consultoria Filhos no Currículo, fez a campanha #meufilhonocurrículo ganhar as redes

relembra Daniela.

As redes sociais também têm amplificado esse movimento. Entre postagens no LinkedIn sobre exaustão e como a pandemia fez retroceder a patamares de 30 anos atrás a participação das mulheres em um mercado de trabalho já desigual, a campanha #meufilhonocurrículo viralizou mês passado com essa *hashtag*. A sacada foi da consultoria Filhos no Currículo, que convidou mães e pais a contarem as habilidades adquiridas com

o nascimento dos filhos como potências profissionais.

— Foram mais de 40 mil interações no início da campanha. Conseguimos entrar em fóruns e discussões onde isso não estava em pauta e trazer o tema para reflexão em um momento de planejamento para 2022, quando empresas estão repensando políticas, benefícios e metas de equidade — diz Michelle Terni, CEO e cofundadora da Filhos no Currículo.

Seu enredo também é comum a muitas mulheres:

depois dos dois filhos, que hoje têm 6 e 4 anos, Michelle repensou vida e trabalho. Deixou o emprego em uma multinacional para se dedicar ao papel de mãe. Movida pelas reflexões da maternidade, debruçou-se sobre o impacto da chegada dos filhos na carreira de mulheres. Conheceu a sócia e também mãe Camila Antunes, e aí os *scripts* se misturaram. A Filhos no Currículo nasceu em 2018 e ajuda empresas a construir um ambiente pró-família e acolhedor a mães e pais.

— O exercício diário da parentalidade é um convite a nos revisitarmos e a fazer um trabalho de desenvolvimento pessoal. Quando as empresas criam um ambiente que acolhe essa transformação, têm pessoas mais felizes trabalhando — afirma Michelle.

MOVIMENTO SEM VOLTA

A ausência desse espaço, por outro lado, leva mães a buscar outras alternativas. Uma pesquisa da Filhos no Currículo com a Talenses Group com 742 mães que trabalham mostrou que 60,7% fizeram um curso de capacitação e 44,8% participaram de um processo seletivo durante a pandemia.

Quando começou com a B2Mamy, aceleradora de start-ups para mães, em 2015, o terreno era pouco explorado, lembra a CEO Dani Junco.

— Quando fui no primeiro evento sobre inovação, disseram que ser mãe e ter uma start-up era impossível. Saímos de 80 mulheres em 2015 para 50 mil na nossa rede. Hoje as empresas aportam capital para falar sobre inclusão. O olhar do feminino está entrando na cultura corporativa — destaca Dani.

As consultorias a empresas representam metade do faturamento atual da B2Mamy, diz a empresária:

— Entrou uma agenda ESG forte, e as empresas estão sendo cobradas por isso, inclusive financeiramente. É um movimento sem volta.

ESPECIAL PUBLICITÁRIO PRODUZIDO POR G LAB GLAB.GLOBO.COM

MORAR BEM

Assinatura recente da Lei Complementar 232, pela Câmara Municipal, abriu novas perspectivas para as incorporadoras trabalharem com projetos de retrofit no Rio. A nova legislação estabelece condições especiais de incentivo para reconversão de imóveis protegidos e de edificações existentes, regularmente construídas e licenciadas. Isso significa que mesmo prédios e casas tombadas podem sofrer transformação de uso ou ser desdobrados em unidades independentes desde que órgãos de tutela do patrimônio cultural aprove as mudanças.

— Essa legislação é um avanço. A cidade do Rio, mundialmente conhecida por sua arquitetura, tem dezenas de imóveis em péssimo estado ou em processo de degradação por falta de incentivo ao retrofit — afirma o presidente da Ademi-RJ, Claudio Hermolin.

Na prática, a lei permite o retrofit sem ter que seguir os padrões atuais das normas municipais, ressalvadas as questões de segurança, que podem ter soluções alternativas. Em linhas gerais, a taxa de ocupação e a área total edificável não incluirão escadas, rampas, equipamentos e itens de acessibilidade e segurança, que

Nova lei do retrofit vai modernizar o urbanismo no Rio

O texto legal também contempla prédios não tombados e permite a transformação do uso comercial em residencial



Paysandu 23. Um dos residenciais do Flamengo que passam por retrofit com reflexos inclusive na questão ambiental

“Ao permitir a modernização da estrutura original, sem exigências incumpríveis, a lei vai permitir a recuperação de prédios hoje inviáveis comercialmente. E isso é bom para a cidade como um todo”

CLAUDIO HERMOLIN
Presidente da Ademi-RJ

cada externa. Ao permitir a modernização da estrutura original, sem exigências incumpríveis, a lei vai permitir a recuperação de prédios hoje inviáveis comercialmente. E isso é bom para a cidade como um todo — observa Hermolin.

ÁREA MÍNIMA

Um dos pontos mais importantes da nova lei é o que derrubou a exigência de área mínima das unidades nos casos em que ficar comprovada a inviabilidade técnica de atender a essa condição. Porém, mesmo compactas, elas deverão ter quarto, cozinha e banheiro, sem sobreposição de cômodos.

— É importante observar que essa lei também contempla os prédios não tombados e permite a transformação do uso de comercial em residencial ou de hotel em apartamentos — explica o presidente da Piimo Empreendimentos Imobiliários, Marcos Saceanu, que fala com a experiência de quem já vinha trabalhando com retrofit antes da nova lei.

A Piimo tem dois residenciais na Rua Paissandu, no Flamengo, com essa pegada. Para Saceanu, novos usos para prédios antigos têm até impactos ambientais positivos.

— Quando se recupera um prédio degradado, racionalizam-se os insu-

mos, porque a estrutura está pronta e será reaproveitada. Esse conceito está muito em voga no mundo todo — ressalta ele.

Diretora Financeira da Concal Construtora, Patricia Conde Caldas destaca que, entre outros benefícios, a nova lei ajuda a atender à demanda por unidades na Zona Sul, região carente de terrenos para novos empreendimentos.

— A lei permite modernizar uma construção antiga, acrescentando itens de segurança e de tecnologia que antes não eram comuns. O equilíbrio entre a contemporaneidade e a tradição dá um charme extra à cidade — afirma.

A Concal já fez um retrofit com transformação de uso no Leblon. Um residencial de oito andares virou um prédio comercial com lajes corporativas, um tipo de imóvel muito procurado no bairro. Na opinião dela, a cidade só tem a ganhar com essa lei, porque a reforma de um edifício implica calçadas mais bem cuidadas, novo paisagismo e fachadas impecáveis.

— Retrofit não é uma obra fácil ou barata, já que exige uma engenharia complexa, com reforma estrutural. Mas o valor agregado para a ambiência é fabuloso. Essa lei moderniza o urbanismo na cidade — aposta Patricia.